

Abstenção Circunstancial ou Essencial: atitudes e sentimentos políticos que determinam a natureza da alienação eleitoral

Marcia Ribeiro Dias¹

Introdução

A temática da abstenção no comportamento eleitoral é relativamente pouco explorada na pesquisa acadêmica, especialmente se comparada aos estudos que se dedicam à tarefa de mapear o fenômeno da participação política. Embora estudos acadêmicos considerem a expansão da abstenção eleitoral um problema para a qualidade da democracia, há uma lacuna no detalhamento dos diferentes aspectos que circundam esse fenômeno e, principalmente, na compreensão das razões que explicam a decisão pela abstenção eleitoral. Tal lacuna se deve, entre outros fatores, a razões metodológicas, uma vez que a maioria dos estudos que se preocupam com a abstenção eleitoral utilizam estratégias estritamente quantitativas, o que se justifica pela possibilidade de generalização estatística dos resultados encontrados. Entretanto, a referida estratégia metodológica deixa algumas perguntas sem resposta, especialmente no que concerne à dimensão teórico-conceitual do fenômeno. Uma delas diz respeito às tendências retrospectivas e prospectivas de longo prazo, o que significa dizer: o quão consistente e duradoura a decisão pela abstenção eleitoral é assumida pelos seus agentes? O que diferencia o comportamento abstencionista estável (permanente) do eventual (momentâneo)? Quais são os sentimentos e atitudes políticas que estão na base da regularidade do comportamento abstencionista?

Conhecer a resposta para essas perguntas pode nos ajudar a compreender o grau de vulnerabilidade dos valores democráticos no cenário eleitoral contemporâneo. Os dados estatísticos nos permitem identificar tendências de longo prazo no comportamento eleitoral e até mesmo associar a determinadas atitudes políticas que demonstram relevância estatística com os atos de votar e abster-se. Entretanto, ressaltamos que a utilização de estratégias qualitativas de produção de dados e informações, como são as entrevistas em profundidade e os grupos focais, é capaz de permitir a construção de tipologias úteis ao escrutínio do comportamento abstencionista,

¹ Professora adjunta e diretora substituta da Escola de Ciência Política da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), atua como membro permanente do PPG em Ciência Política da UNIRIO. Tem experiência na área de Ciência Política, com ênfase em Estudos Eleitorais e Partidos Políticos, atuando principalmente nos seguintes temas: partidos e eleições, campanha eleitoral, comportamento político, representação e participação política, orçamento participativo e opinião pública. A autora agradece ao financiamento de pesquisa pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (Faperj), assim como ao CNPq e à Unirio pela concessão de bolsas de iniciação científica para estudantes que fazem parte da equipe da pesquisa.

compreender suas razões e fortalecer, ou refutar, perspectivas teóricas acerca do que motiva a participação política e, conseqüentemente, fortalece, ou abala, as democracias contemporâneas.

Este artigo tem como propósito categorizar e analisar os diferentes tipos de eleitores abstencionistas a partir de uma análise das atitudes e sentimentos políticos identificados por meio de entrevistas em profundidade realizadas com eleitores que se abstiveram nas eleições presidenciais brasileiras de 2018 e 2022. A primeira conclusão que emergiu da análise das entrevistas é a de que existem duas categorias gerais de eleitores abstencionistas: o eleitor abstencionista circunstancial e o eleitor abstencionista essencial.

Os abstencionistas do primeiro tipo (circunstancial) deixam de votar eventualmente, em virtude de uma conjuntura adversa provisória à manifestação da sua preferência eleitoral, seja ela voluntária ou não. Esse tipo de eleitor pode deixar de votar por limitações físicas – como doença, morte ou deslocamento geográfico para longe de sua circunscrição eleitoral – ou por limitações morais – como é o caso da insatisfação com relação às alternativas disponíveis para o voto. Em qualquer uma dessas situações, o eleitor é excluído da contagem de votos válidos que compõem os coeficientes eleitorais necessários à eleição de candidaturas, ou seja, serão contados nos percentuais de não-votantes naquela eleição. Os circunstanciais formam o grupo da maioria dos eleitores abstencionistas.

Os abstencionistas do segundo tipo (essencial) deixam de votar permanentemente, como uma atitude deliberada de rejeição ao processo eleitoral. São cidadãos que até podem já ter votado em alguma ocasião, mas que se alienaram de forma definitiva, ou assim acreditam ser, do rito eleitoral, mesmo que eventualmente decidam votar. O abstencionista essencial rompeu com a percepção do voto como dever cívico, desencarnou da condição de eleitor. Sua atuação política pode ser ainda mais significativa do que a de um eleitor típico, pois muitas vezes se dedica ao debate público. Os essenciais são minoria entre os eleitores abstencionistas, mas são reincidentes: uma minoria intensa e instigante.

Ao analisar os depoimentos coletados, o artigo explora não apenas a tipologia básica, mas também a transitoriedade entre essas categorias, investigando as motivações subjacentes a cada tipo de comportamento. As duas categorias de eleitores abstencionistas são ‘tipos ideais’. Isso significa que servem principalmente de parâmetros analíticos a fim de classificar os entrevistados a partir de sua sofisticação política, suas atitudes e sentimentos políticos. Cada uma dessas categorias comporta 4

subtipos que relacionam as três variáveis mencionadas: os eleitores podem ser sofisticados ou alienados, cultivarem sentimentos positivos ou negativos, e desenvolverem atitudes confiantes ou céticas com relação à política. São oito combinações possíveis que produzirão comportamentos abstencionistas distintos. O tipo ideal do abstencionista circunstancial (tipo 1) apresenta predominantemente sofisticação política, sentimentos positivos e atitude confiante com relação à política. O tipo ideal do abstencionista essencial (tipo 7) apresenta predominantemente alienação política, sentimentos negativos e atitudes céticas com relação à política. Entretanto, existem os tipos híbridos e, portanto, mais complexos, que exigem uma investigação mais acurada. Dessa forma, esperamos que, ao final da pesquisa, tenhamos a oportunidade de conhecer melhor a natureza da abstenção eleitoral a partir da classificação de sentimentos e atitudes dos entrevistados com relação à esfera política da democracia liberal.

No próximo tópico deste artigo farei uma revisão de alguns parâmetros analíticos oferecidos pela literatura acerca do comportamento político eleitoral, de modo a selecionar as variáveis relevantes à constituição de uma tipologia de eleitores abstencionistas, especialmente em sistemas de voto obrigatório, como é o caso do brasileiro. Em seguida, apresento e discuto as duas categorias de eleitores abstencionistas, circunstanciais e essenciais, e os oito tipos delas derivados. Finalmente, procederei à classificação dos abstencionistas entrevistados e à discussão de cada octante tipológico, seguida pela conclusão do artigo.

Abstenção Eleitoral e suas Variáveis: Sofisticação, Atitudes e Sentimentos Políticos

Esse artigo se insere na temática de estudos em torno da abstenção eleitoral. Tais estudos, em geral, visam compreender o fenômeno abstencionista de modo abrangente, seja na forma de estudos de caso ou comparativa, considerando a intensidade e tendência de sua ocorrência, identificando fatores que determinam sua incidência assim como suas consequências sobre a dinâmica democrática.

A abstenção eleitoral refere-se à decisão consciente de um eleitor de não participar de uma eleição, seja por meio do não comparecimento para votar ou pela escolha de não votar em nenhum candidato em disputa através da estratégia do uso de votos inválidos (brancos e nulos). Essa ausência de participação ativa em contextos democráticos é um fenômeno político relevante que pode ter consequências significativas para o funcionamento e a legitimidade do sistema político, razão pela qual

mobiliza o interesse de cientistas políticos preocupados com a qualidade das democracias contemporâneas (Altman e Perez Liñan, 2002).

A decisão de votar ou abster-se baseia-se simultaneamente em duas dimensões subjetivas distintas e complementares: a racional e a emocional. Na dimensão racional estão contidos os interesses e as preferências políticas que acumulamos em nossa experiência em sociedade, mobilizados por um conjunto de valores e aspirações éticas. Nessa mesma dimensão processam-se os cálculos de custos e benefícios que irão identificar se os referidos interesses e preferências são viáveis a curto e médio prazos diante das alternativas eleitorais disponíveis. Na dimensão emocional encontram-se nossos sentimentos com relação à política, fruto dos nossos desejos, vivências e observações sobre o mundo político. Parte das atitudes políticas é determinada pelos afetos políticos resultantes da interação entre o contexto político, de um lado, e expectativas e frustrações acumuladas, de outro. A outra parte é determinada pelo nosso grau de sofisticação política, aqui entendida como uma variável composta pela associação entre interesse político e conhecimento sobre política.

Tal constatação não altera o fato de que as dimensões racional e emocional da nossa subjetividade não são claramente identificáveis e separáveis de forma a mensurar estatisticamente a contribuição de cada uma delas em nossas atitudes políticas. Apenas pretendo justificar a escolha das três variáveis que orientam a construção de uma tipologia do comportamento eleitoral abstencionista: sofisticação política, atitudes políticas, e sentimentos políticos. Assumindo como premissa que todo eleitor é um abstencionista em potencial, essa também pode ser entendida como uma tipologia do comportamento eleitoral genérico, tendo a participação como uma probabilidade maior ou menor de acontecer em virtude da combinação entre essas três variáveis.

Segundo a teoria da escolha racional, a decisão do voto estaria condicionada à superação dos custos da votação pelos benefícios auferidos a partir dela (Downs, 1957). Ou seja, votar seria uma atitude irracional na medida em que o eleitor constatasse que seus benefícios são mínimos e que o impacto do voto individual no resultado eleitoral é praticamente nenhum. Segundo Blais e Daoust (2020), o paradoxo do voto consiste no fato de que uma maioria expressiva de eleitores insiste na participação eleitoral apesar da “irracionalidade” do ato de votar:

“The decision that most of us make most of the time, that is, to vote rather than to abstain, is paradoxical, in the sense that the rational person who calculates the personal benefits and costs of voting should come to the conclusion that she should abstain. (...) But the fact that most people appear to be ‘irrational’, that

there is this apparent ‘paradox of voting’, highlights the relevance of the question. There is no obvious answer to the question of why people vote. This is an enigma”. (Blais and Daoust, 2020, pp. 4-5)

É possível argumentar que o debate em torno da decisão de votar aplica-se a sistemas onde o voto é facultativo, ou seja, onde cabe ao eleitor decidir participar ou não de eleições dando seu voto a uma das candidaturas disponíveis. Em tese, tal decisão escapa, ou ao menos é bastante reduzida, ao cidadão que vive em um sistema onde o voto é obrigatório, uma vez que existem custos associados ao não-voto, que podem ser mais ou menos expressivos dependendo das regras de compulsoriedade existentes em cada país.

De fato, os eleitores estão mais inclinados a votar quando são obrigados por lei. Essa condição, entretanto, não apenas não torna o estudo do comportamento abstencionista irrelevante em sistemas de voto obrigatório, mas potencializa sua capacidade de esclarecer os fundamentos desse comportamento em virtude de sua maior excepcionalidade. Ou seja, em sistemas de voto obrigatório o custo de votar pode ser menor do que o de abster-se, invertendo o paradoxo do voto: por que não votar, quando a racionalidade aponta para a direção contrária? Em sistemas de voto obrigatório, a informação política é tornada facilmente acessível a fim de viabilizar a escolha eleitoral, aumentando, em tese, a sofisticação política, a segurança na tomada de decisão e o incentivo à adoção de práticas democráticas.

Segundo Singh (2021), o apoio à regra do voto obrigatório não é generalizado nos países que a adotam, estando concentrado sobretudo entre aqueles que confiam na democracia eleitoral e menos frequente entre seus críticos. Além disso, o autor conclui que a adoção do voto obrigatório tende a ampliar tendências já existentes na sociedade, afetando positivamente os cidadãos orientados em prol da democracia no estímulo à aquisição de maior sofisticação política, e negativamente aqueles cujo comportamento político se inclina ao autoritarismo, tornando-os afeitos a partidos extremistas e mais refratários ao sistema democrático.

“I argue that negative orientations [toward democracy] are more likely to be predictive of ‘antidemocratic’ attitudes and behaviors, as well as a lack of political sophistication, where reluctant individuals are compelled to vote. At the same time, I expect that pro-democratic orientations are more likely to boost attitudinal and behavioral support for the democratic system and its authorities, as well as to engender higher political sophistication, under mandatory rules.” (Singh, 2021, p.168)

Com base no estudo conduzido por Singh é possível supor que em um país que adota o voto obrigatório e seus cidadãos sejam majoritariamente orientados por uma visão positiva da democracia haja ampla adesão à participação eleitoral, perpassada por atitudes confiantes no sistema e uma maior sofisticação política. O contrário também seria verdadeiro, ou seja, se o país adota o voto obrigatório, seus cidadãos orientados por uma visão negativa da democracia reproduzirão atitudes céticas sobre o sistema político e apresentarão baixos índices de sofisticação política, assim como terão maior probabilidade de se abster em eleições. Entretanto, importa lembrar, o custo da abstenção em sistemas de voto obrigatório pode levar eleitores desinteressados politicamente, descrentes da democracia e de seus agentes, e frustrados com seus resultados a votar de forma menos consistente ao que faria um eleitor em um sistema de voto facultativo (Selb e Lachat, 2009).

Marta Gallina (2023) elaborou um interessante artigo no qual sistematizou a ampla e variada produção acadêmica acerca do tema da sofisticação política. A autora distingue dois grupos classificatórios desses estudos: o grupo da *sofisticação cognitiva* e o grupo da *sofisticação pragmática*. A noção cognitiva de sofisticação política busca compreender como as pessoas pensam sobre a política, ou seja, como elas processam e organizam as informações políticas. Isso significa dizer que aqueles que acumulam quantidade suficiente de informações políticas de modo organizado serão consideradas sofisticadas, ao passo que a informação desorganizada não será capaz de produzir um pensamento político sofisticado. Já a noção pragmática de sofisticação política concentra-se naquilo que as pessoas sabem sobre política, ou seja, considera a quantidade de informação política acumulada como indicador de sofisticação política. Em qualquer uma das duas correntes classificatórias, os estudos recentes sobre sofisticação política, geralmente entendida a partir do conhecimento e do interesse políticos, há um reconhecimento da heterogeneidade cognitiva do eleitorado que interfere no comportamento eleitoral e nas escolhas de voto.

"As a general trend, it appears that current research has overcome Converse's *dictum* that the public has *no attitudes* (Converse, 1964) and has moved toward the acknowledgment of the cognitive heterogeneity of the electorate (Lachat, 2007). Thus, voters have increasingly been portrayed as characterized by different levels of political sophistication (usually understood as political knowledge and interest), which can explain patterns of voting behavior and electoral choices." (Gallina, 2023, p. 839)

O interesse político aparece também como uma importante variável a determinar o grau de sofisticação política do eleitor. A disponibilidade para buscar informações

(mais ou menos acessíveis), organizar essas informações de forma lógica e tomar decisões a partir delas depende do interesse que o sujeito cultiva pelo assunto. Da mesma forma que orientamos nosso conhecimento no campo das artes, dos esportes ou da literatura em função das nossas preferências e dedicamos a esses nichos de conhecimento maior ou menor tempo, o custo da informação política será proporcional ao nosso interesse nas diferentes camadas da vida pública. Portanto, quanto mais nos interessamos por um assunto, mais hábeis nos tornamos em sua compreensão quando comparados aos desinteressados, gerando desigualdade cognitiva. Entretanto, não saber nada sobre futebol e tudo sobre tênis não irá produzir consequências sobre cada um desses esportes ou sobre mim, o que não acontece na política: se o voto é obrigatório e eu não me interessar por política, a possibilidade de fazer uma escolha eleitoral inconsistente com meus interesses pode afetar diretamente as minhas condições de bem-estar e, provavelmente, as dos demais também.

“People who are not interested in politics and public affairs can easily avoid news exposure. And you probably need no reminding that those who like news and politics, conversely, can find an almost endless supply of political information. The consequence is greater inequality in news exposure, political knowledge, and turnout.” (Prior, 2019, p. 15)

Prior (2019) demonstrou como o interesse político detém componentes tanto cognitivos quanto afetivos, sendo que as emoções envolvidas podem ser tanto positivas quanto negativas. As recompensas ao interesse de uma forma geral e com relação à política, especificamente, podem estar relacionadas à satisfação com um determinado resultado ou ao desejo de evitar um mal maior. Ou seja, o sujeito pode se envolver em uma campanha eleitoral, acompanhar seu desenvolvimento através da obtenção de informações cotidianas e fazer uma escolha eleitoral, tanto motivado pelo desejo de eleger um candidato da sua preferência quanto pelo temor com relação à vitória do seu adversário. O interesse político pode estar relacionado, portanto, a um sentimento momentâneo que atrai a nossa atenção provisoriamente, interesse situacional, ou a uma expectativa calculada com relação a uma recompensa futura derivada de um sentimento duradouro, interesse disposicional.

“Applied to the political domain, political interest starts with situational interest when something in the environment related to politics triggers an affective reaction. Dispositional political interest entails an expectation that engaging with political content again in the future will turn out to be gratifying.” (Prior, 2019, p. 4)

As atitudes políticas do indivíduo também podem afetar seu interesse pela política e, conseqüentemente, sua sofisticação política. Em tese, se o indivíduo acredita na eficácia governamental e está satisfeito com a democracia, é razoável pensar que esteja mais disponível para o debate público em torno da decisão eleitoral. Ou seja, a percepção de alta eficácia externa poderia afetar positivamente o interesse político e a participação eleitoral. A pesquisa de Prior (2019), entretanto, descobriu uma relação um tanto ambígua entre atitudes políticas e interesse político, demonstrando que a apatia pode dominar um indivíduo que esteja satisfeito com o sistema político por simplesmente não conceber como aprimorá-lo, levando-o a se abster. É possível supor, de forma inversa, que indivíduos muito insatisfeitos com a eficácia externa da democracia liberal optem por engajar-se a candidaturas extremistas que propaguem seu sentimento anti sistema, induzindo-os ao voto. Isso significa dizer que atitudes confiantes com relação ao sistema democrático podem estar relacionadas com a alienação política e sentimentos negativos, assim como atitudes céticas podem estar relacionadas a sentimentos positivos, de esperança por exemplo, acerca de uma mudança social, mesmo que indefinida.

Nesse artigo, não tenho como propósito decifrar o enigma do paradoxo do voto, ou seja, responder porque as pessoas votam; nem mesmo porque elas não votam. O que pretendo é contribuir para o debate ao identificar a condição abstencionista latente em todo eleitor e propor uma tipologia construída a partir da relação entre sofisticação política, sentimentos (positivos e negativos) com relação à democracia e atitudes (confiantes e céticas) com relação ao funcionamento do sistema democrático.

Uma Tipologia da Abstenção Eleitoral

A pesquisa que originou esse artigo teve como objetivo identificar e compreender as atitudes políticas dos eleitores abstencionistas, em um sistema de voto obrigatório, através de suas memórias políticas (eleitorais, principalmente) e de seus sentimentos políticos manifestados espontaneamente ou de forma estimulada durante a entrevista.² A inspiração original para o desenvolvimento desse projeto foi a obra seminal de Stephen Coleman, *How Voters Feel* (2013), onde o autor entrevista eleitores cujas narrativas são utilizadas a fim de esclarecer o significado subjetivo da experiência de votar. A discursividade das entrevistas em profundidade permitiu a Coleman explorar as complexidades que permeiam a experiência do eleitor desde o seu ingresso na vida

² Para maiores informações sobre o desenho da pesquisa, consultar nota metodológica no anexo 1 deste artigo.

cívica, favorecendo a expressão de sentimentos, iluminando ideais, rotinas e atitudes frente à dinâmica democrática. Meu objetivo foi reproduzir uma metodologia de pesquisa semelhante e aplicá-la a um público-alvo diferente: eleitores abstencionistas do estado do Rio de Janeiro, Brasil. Desse modo, pretendi esclarecer o significado subjetivo da abstenção eleitoral em um sistema de voto obrigatório e escrutinar a complexidade da decisão de não votar em um contexto no qual se espera a adesão eleitoral.

A partir da elaboração de um roteiro aberto de questões visando explorar as memórias³, os sentimentos e as ideologias do eleitor abstencionista em eleições presidenciais, recrutei um pequeno número de eleitores que se abstiveram na eleição de 2018, a partir da técnica da bola de neve, a fim de testar a funcionalidade do roteiro. Essa foi uma eleição extremamente polarizada no Brasil, onde um dos candidatos principais estava preso pela condenação por supostos atos de corrupção e o outro apresentava-se como um candidato antissistema, embora estivesse em atuação como representante parlamentar há 28 anos no país. A candidatura do primeiro, o ex-presidente Lula, foi impugnada pelo TSE e em seu lugar concorreu Fernando Haddad (PT). A candidatura do segundo, Jair Bolsonaro, foi alavancada pela comoção social provocada por um atentado sofrido por ele durante a campanha eleitoral. Esses dois fatores combinados contribuíram para a vitória de Bolsonaro em uma disputa acirrada com Haddad no segundo turno das eleições.

Em um cenário extremamente competitivo, contrariando um amplo consenso na literatura acadêmica de que quanto maior a competitividade maior a participação eleitoral (Downs, 1957; Indridason, 2008; Stockemer, 2016 e 2017), e de que o voto obrigatório é o estímulo mais poderoso a essa mesma participação (Blais, 2000; McAllister, 1986; Stockemer, 2016), a eleição presidencial de 2018 produziu uma alienação eleitoral de 28,85% (considerando abstenção, votos brancos e nulos), a maior em segundos turnos presidenciais do período democrático recente. Entender as razões da abstenção eleitoral em um cenário teoricamente desfavorável a ela foi o propósito inicial dessa pesquisa.⁴

O material produzido por esse pequeno grupo de entrevistados demonstrou-se tão instigante que resolvi estender o projeto para ser replicado na eleição presidencial de 2022, com um número bem maior de entrevistados recrutados por assessoria profissional e financiamento de pesquisa, ao passo que entrevistamos novamente os abstencionistas de 2018 e atualizamos suas escolhas eleitorais para a eleição de 2022. Do conjunto dessas entrevistas resultou a análise tipológica que aqui empreendo. A

³ Ver anexo 2.

⁴ Para uma revisão das condições gerais da alienação eleitoral no Brasil ver Silva (2013) e Borba (2008).

estratégia metodológica utilizada na pesquisa que originou esse artigo, portanto, foi a realização de entrevistas em profundidade (1 hora e 10 minutos de tempo médio de duração) com 7 eleitores que se abstiveram nas eleições de 2018 e com 20 eleitores que se abstiveram em 2022.⁵

A tipologia de eleitores abstencionistas foi construída a partir da correlação entre três conjuntos de variáveis qualitativas ordinais: sofisticação, atitudes e sentimentos. O primeiro conjunto deu origem ao eixo sofisticação – alienação (plano Y, horizontal), cujo índice foi calculado a partir da análise das respostas fornecidas a 9 questões abertas do roteiro da entrevista, que indicavam o interesse e o conhecimento político de cada eleitor. O segundo conjunto de variáveis deu origem ao eixo atitudes confiantes – atitudes céticas (plano Z, vertical), cujo índice foi calculado a partir da análise das respostas fornecidas a outras 9 questões abertas, que permitiam avaliar a confiança e/ou ceticismo de cada eleitor com relação à democracia e ao funcionamento de suas instituições. O terceiro conjunto originou o eixo sentimentos positivos – sentimentos negativos (plano X), cujo índice para cada eleitor foi calculado a partir de suas respostas a mais 9 questões do roteiro, que traduziam seus sentimentos de adesão e/ou rejeição à política.⁶

A convergência/divergência entre os três planos de variáveis (Y, Z e X) produziu um octaedro que identificou 8 tipos de eleitores abstencionistas, divididos em dois grupos: circunstanciais e essenciais, abaixo caracterizados.

Os tipos 1 a 4 são compostos de **abstencionistas circunstanciais**, cuja frequência com que deixam de votar aumenta de forma crescente, sendo o tipo 1 o menos propenso a se abster e o tipo 4 o mais indiferente ao ato de votar neste grupo.

1. **Abstencionista Casual:** o primeiro tipo só vai deixar de votar em situações extremas, quando as alternativas disponíveis para o voto sejam inadmissíveis para ele ou em caso de impedimentos alheios à sua vontade. Pode aderir com frequência ao voto útil, ou seja, no candidato que considere ‘menos pior’. Ele é uma pessoa com muito interesse em política, atitude confiante em relação às instituições democráticas e sentimentos positivos em relação à política. É alguém que, provavelmente, se envolve ativamente no processo político, acredita no sistema democrático e vê a política como uma ferramenta eficaz para promover mudanças positivas na sociedade. É possível que participe

⁵ Uma das 7 entrevistadas de 2018 foi descartada da análise, pois não foi encontrada para uma nova entrevista em 2022.

⁶ Ver descrição das 27 questões no Anexo 3.

ativamente de campanhas políticas, vote regularmente, busque cargos eletivos ou apoie candidatos e partidos que representem seus valores e ideais. Tem uma visão otimista sobre o potencial da política para resolver problemas e melhorar a vida das pessoas e está comprometido em fazer a diferença por meio do engajamento político.

2. **Idealista desencantado:** o segundo tipo vota na maioria das vezes, mas pode aderir ao abstencionismo por impedimentos morais, como quando não se sinta representado pelas candidaturas disponíveis em uma eleição. Tem dificuldade de aderir ao voto útil, embora ainda o faça eventualmente. É uma pessoa com muito interesse em política, atitude confiante em relação às instituições democráticas, mas que apresenta com frequência sentimentos negativos em relação à política. Pode ser alguém que acredita no sistema democrático como um todo, mas está desencantado com o desempenho da política na resolução de conflitos. Pode estar ativamente envolvido em debates políticos, participar de campanhas e manifestações, mas ao mesmo tempo sentir frustração com a corrupção, o partidarismo extremo ou a falta de transparência dentro do sistema político. Pode buscar reformas e mudanças para melhorar a política, mesmo mantendo uma visão otimista sobre a democracia como um ideal.
3. **Apático:** o terceiro tipo se mantém mais distanciado do jogo político eleitoral. Ele é uma pessoa com pouco ou nenhum interesse em política, não busca informações e se contenta com as que recebe sem esforço. Porém, ele ainda mantém uma atitude predominantemente confiante em relação às instituições democráticas e, paradoxalmente, acumula sentimentos negativos em relação à política. Pode ser alguém que reconhece a importância da democracia como um sistema de governo, mas não se sente pessoalmente envolvido nos assuntos políticos que, geralmente, causam desgosto. Pode confiar nas instituições democráticas para garantir a estabilidade e os direitos dos cidadãos, mas ao mesmo tempo sentir desânimo ou descrença em relação ao comportamento dos políticos, o ambiente político ou a eficácia das políticas públicas. Essa pessoa pode optar por se manter afastada da política direta, preferindo focar em outras áreas de interesse ou participando apenas minimamente do processo político, como votar em eleições, se abstendo eventualmente, mesmo sem ter impedimento físico ou moral evidente.
4. **Otimista alienado:** o quarto tipo não se importa com assuntos políticos, pois, provavelmente, não recebeu incentivos para este fim em seu processo de socialização. É uma pessoa que adere a preferências eleitorais sem muito esforço, pois acha útil a opinião de quem ela julga bem-informada sobre as

alternativas existentes. Mantém uma atitude confiante em relação às instituições democráticas e sentimentos positivos em relação à política; pode ser alguém que reconhece a importância da democracia como um sistema de governo estável e justo, mesmo que não se sinta diretamente envolvida na dinâmica eleitoral. Pode ter uma visão otimista sobre o papel da política na sociedade, acreditando que ela pode ser uma força positiva para o progresso e o bem-estar coletivo, mesmo que não esteja ativamente engajado nela. Essa pessoa pode valorizar as liberdades democráticas e respeitar o processo democrático, mas provavelmente não considera que seu voto faça diferença no resultado, abstendo-se quando considerar sua presença em outras atividades mais relevantes.

Os tipos de 5 a 8 são compostos por abstencionistas essenciais, cuja prática abstencionista supera a eleitoral, na medida em que são críticos ao próprio sistema político da democracia liberal.

5. **Crítico Revolucionário:** o quinto tipo se interessa por política e se informa sobre temas relacionados a ela de modo essencialmente crítico e desconfiado. Possui uma atitude predominantemente cética em relação às instituições democráticas, mas cultiva sentimentos positivos em relação à política. Pode ser alguém que se envolve profundamente nos debates políticos e no processo democrático, mas mantém uma postura crítica em relação às instituições estabelecidas. Pode estar ativamente engajado em atividades políticas, como participação em manifestações, campanhas ou debates, enquanto questiona a eficácia ou a integridade das instituições democráticas existentes. Embora possa ter dúvidas sobre a capacidade das instituições de representar verdadeiramente os interesses do povo ou de garantir a igualdade e a justiça, ele ainda mantém uma visão positiva sobre o potencial da política para criar mudanças significativas na sociedade. É um eleitor idealista que vota principalmente quando haja alternativa eleitoral antissistema que contemple seus valores elevados, pois assim se sente representado.
6. **Pessimista Revoltado:** o sexto tipo, embora tenha interesse por política e busque se informar sobre o assunto, é uma pessoa que mantém predominantemente uma atitude cética com relação às instituições democráticas e cultiva sentimentos negativos em relação à política. Pode ser alguém que se envolve intensamente nos assuntos políticos, participando ativamente de debates, campanhas e atividades políticas, no entanto, mantém

uma visão desconfiada em relação às instituições democráticas estabelecidas, questionando sua eficácia, transparência e capacidade de representar adequadamente os interesses dos cidadãos. Essa pessoa pode se sentir frustrada com a corrupção, o clientelismo ou a falta de responsabilidade dentro do sistema político, levando a uma visão negativa da política como um todo, apesar de seu profundo interesse nela. Pode desenvolver um sentimento antissistema, buscando reformas ou alternativas ao modelo vigente, na esperança de promover mudanças significativas que abordem suas preocupações e desconfianças em relação à política tradicional. Pode ser um abstencionista frequente por seu ressentimento político, mas eventualmente se sentir compelido a votar em alternativas antissistema.

7. **Alienado Típico:** no sétimo, chegamos ao tipo ideal do abstencionista essencial; uma pessoa com pouco ou nenhum interesse em política, atitude cética em relação às instituições democráticas e sentimentos negativos em relação à política. Pode ser alguém que se sente alienado com relação ao sistema político em geral. Ele pode não se envolver ativamente em questões políticas, preferindo se distanciar do processo político devido à falta de confiança nas instituições democráticas e à percepção de que a política é ineficaz e corrupta. Essa pessoa pode ver a política como um ambiente dominado por interesses próprios e desonestidade, levando a sentimentos de desânimo ou desesperança em relação à capacidade da política de promover mudanças positivas na sociedade. Pode ser uma pessoa que se sente desconectada do processo político eleitoral e opta por não participar ativamente dele de forma permanente.
8. **Desinteressado:** finalmente, o oitavo tipo corresponde a um cidadão desinteressado da política, evitando temas a ela relacionados no seu dia a dia, possui atitude cética em relação às instituições democráticas e sentimentos positivos sobre a democracia. Pode ser caracterizado como alguém que valoriza os princípios democráticos, mas que se sente desiludido ou desconfiado em relação ao funcionamento prático da política partidária e seus agentes. Pode preferir focar em questões pessoais ou em comunidades locais, evitando se envolver em debates políticos mais amplos. Ele pode acreditar na importância da democracia como um ideal, mas questiona sua implementação eficaz na prática. Provavelmente se abstém com significativa frequência, podendo votar para alguns cargos eventualmente, especialmente quando conhece pessoalmente o candidato.

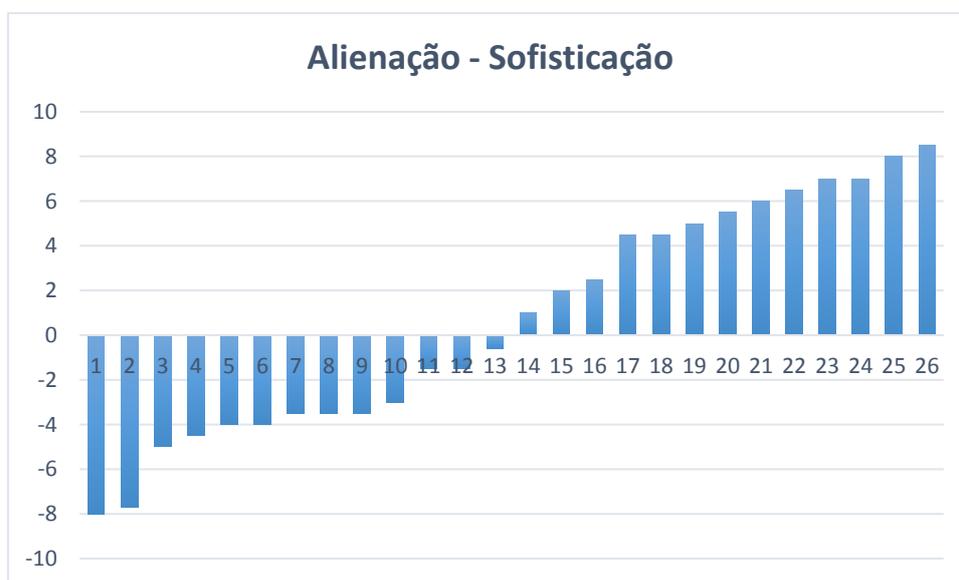
Análise dos Dados

Neste tópico do artigo procederei à análise de dados. Inicialmente, será feito um mapeamento geral das três variáveis principais: sofisticação, atitudes e sentimentos. Em seguida, os entrevistados serão distribuídos em cada octante em função da combinação de seus resultados em cada variável. A discussão dos dados será sucedida pela conclusão do artigo.

Sobre Sofisticação e Alienação Políticas

As medidas de sofisticação/alienação política foram calculadas a partir das respostas dadas pelos entrevistados a questões que buscavam suas memórias político-eleitorais, desde as lembranças mais remotas, passando pelo primeiro voto, a importância dada ao fato de se tornar eleitor, entre outras, assim como tinham o intuito de averiguar o interesse por política e algumas noções básicas sobre o processo eleitoral. A partir do gráfico 1, é possível notar que os entrevistados se dividiram simetricamente entre sofisticados e alienados em diferentes graus.⁷

Gráfico 1: Distribuição entre Alienação e Sofisticação Políticas



Fonte: Elaboração própria a partir de entrevistas em profundidade conduzidas pela coordenadora do projeto.

A distribuição simétrica, entretanto, não oculta o fato de que a intensidade da sofisticação apurada era maior do que a intensidade da alienação. Entre os alienados, a maioria (7 de 13) apresentou um grau baixo de alienação (entre -3,5 e -0,1), 4

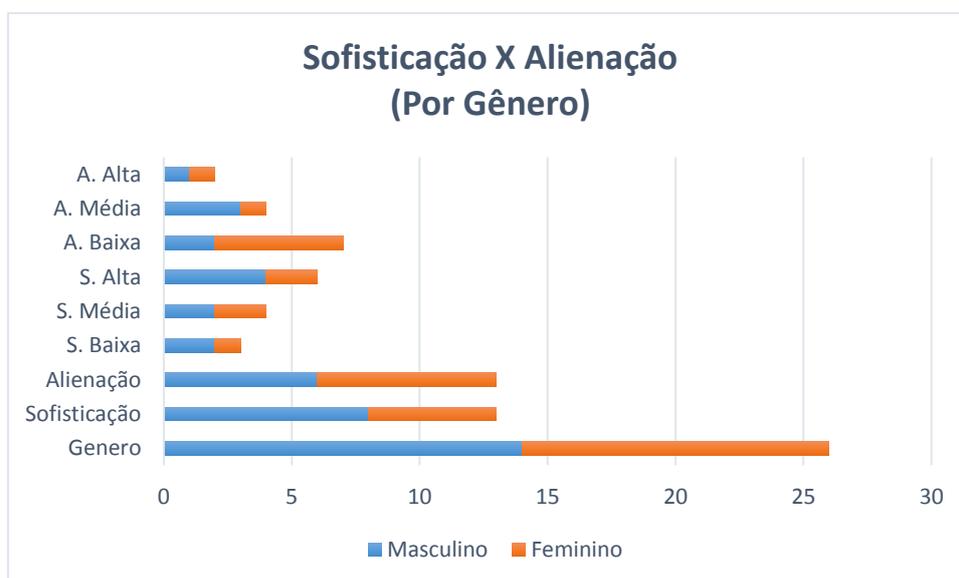
⁷ A variação possível encontra-se no intervalo entre -9 e +9.

apresentaram um grau mediano de alienação (entre -5,5 e -3,6), enquanto apenas 2 apresentaram um alto grau de alienação (entre -9 e -5,6). Entre os sofisticados, a situação se inverte: a maioria (6 de 13) apresentou sofisticação alta (entre 5,6 e 9), 4 apresentaram sofisticação mediana (entre 3,6 e 5,5) e 3 apresentaram baixa sofisticação (entre 0,1 e 3,5).

A primeira contribuição que esse conjunto de dados nos fornece diz respeito a uma percepção equivocada, evidentemente mais presente no senso comum, de que os abstencionistas são necessariamente desinteressados, desinformados e indiferentes à política. Primeiro, todos eles demonstraram satisfação com a entrevista, gostaram das perguntas e afirmaram não terem se sentido desconfortáveis em qualquer momento. Todos apreciaram a oportunidade de falar sobre seus sentimentos e percepções acerca do processo político. Não foi, portanto, a indiferença política uma das razões centrais do abstencionismo nas eleições presidenciais brasileiras do período investigado.

Um segundo dado que merece uma abordagem mais detalhada se refere à distribuição da sofisticação/alienação entre os entrevistados por gênero, conforme demonstrado no gráfico 2 a seguir.

Gráfico 2: Distribuição entre Alienação e Sofisticação Políticas por Gênero



Fonte: Elaboração própria a partir de entrevistas em profundidade conduzidas pela coordenadora do projeto.

A primeira informação que precisa constar é que houve um número maior de entrevistados do gênero masculino do que do gênero feminino (14 homens e 12 mulheres). Embora haja mais mulheres do que homens na sociedade brasileira, a pesquisa qualitativa não exige uma amostragem perfeita da sociedade, mas a

distribuição entre homens e mulheres no grupo estudado é um parâmetro importante para qualquer comparação. Portanto, a última barra do gráfico diz respeito a essa distribuição.

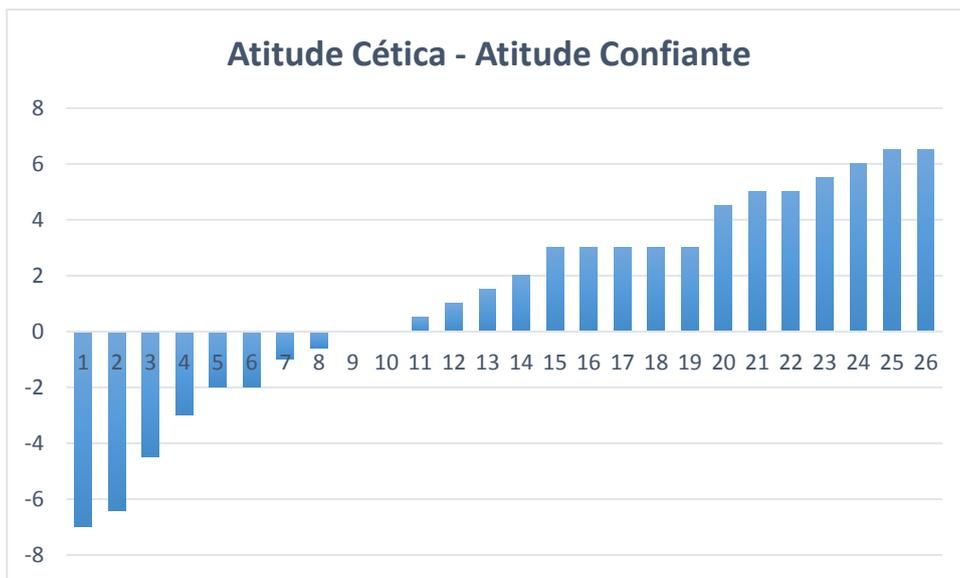
Feita essa ressalva, percebe-se que entre os eleitores sofisticados, houve uma presença proporcionalmente maior de homens do que de mulheres nessa categoria. Enquanto a distribuição por gênero dos entrevistados foi de 54% de homens e 46% de mulheres, entre os eleitores sofisticados 61,5% eram homens e 38,5% eram mulheres. Da mesma forma, entre os eleitores alienados verificou-se uma presença mais importante de mulheres do que de homens, considerada a distribuição original: 53,85% dos alienados eram mulheres, enquanto 46,15% eram homens. Embora pouco significativa, tal discrepância nos informa sobre a probabilidade de um maior número de mulheres se manterem alienadas da política do que de homens. A esfera política, especialmente no Brasil, ainda é bastante hostil à presença de mulheres, o que contribui para um afastamento maior de mulheres do que de homens, confirmada por uma tendência geral identificada nos parlamentos brasileiros (estaduais e federal) de sub-representação feminina (Biroli e Miguel, 2015).

A baixa alienação se destaca entre as categorias estudadas, 7 entrevistados se enquadram nessa categoria, sendo composta por 5 mulheres e dois homens. O segundo destaque percebido foi na categoria de sofisticação alta, composta por quatro homens e duas mulheres. A conclusão que se verifica na relação entre gênero e sofisticação política é a de que, entre os eleitores abstencionistas, um maior número de homens desenvolve interesse e conhecimento sobre a política, mas que mesmo as mulheres que optam por se manter distantes do universo político não chegam a desenvolver uma completa indiferença por ele. Ou seja, o padrão de sofisticação encontrado é alto e masculino, enquanto o padrão de alienação é baixo e feminino.

Sobre Atitudes Confiantes e Céticas

As medidas de confiança/ceticismo nas atitudes políticas foram calculadas a partir das respostas dadas pelos entrevistados a questões que requisitavam suas avaliações sobre a democracia, as instituições políticas, o processo decisório, a manifestação da opinião política, assim como sobre a importância do voto e do seu entendimento como um dever cívico. No gráfico 3, é possível verificar que prevaleceram entre os abstencionistas entrevistados as atitudes confiantes, lançando uma luz de esperança sobre as possibilidades de recuperação do status da democracia brasileira.

Gráfico 3: Distribuição entre Atitudes Céticas e Confiantes



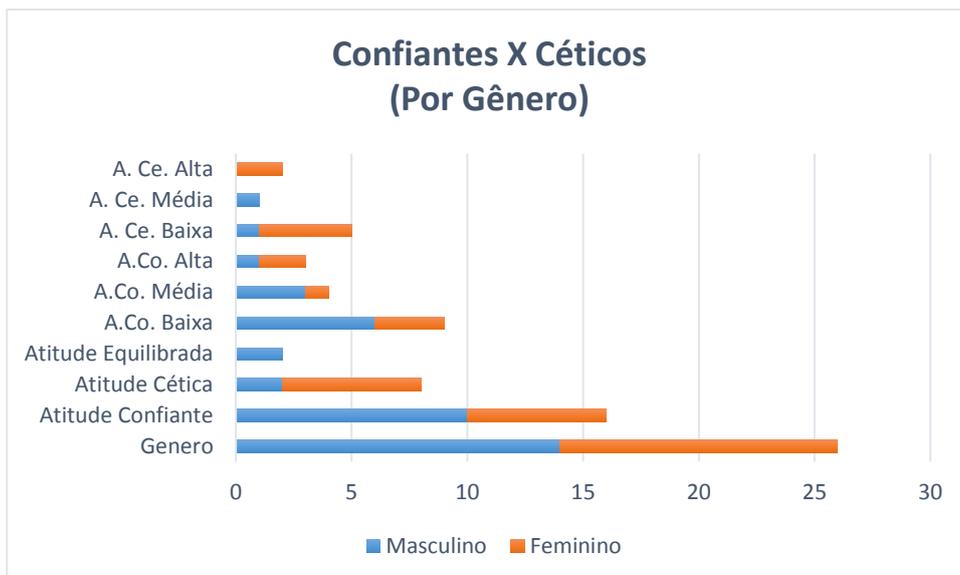
Fonte: Elaboração própria a partir de entrevistas em profundidade conduzidas pela coordenadora do projeto.

Calculada a intensidade média entre os abstencionistas que demonstraram atitudes majoritariamente céticas com relação à política, é possível notar que predominou um grau baixo de ceticismo (-3,3), mas já próximo do intervalo moderado (que vai de -5,5 a -3,6). A intensidade média dos abstencionistas que afirmaram atitudes predominantemente confiantes com relação ao sistema político, foi de 3,7, logo no início do intervalo de moderação das atitudes (de 3,6 a 5,5). Isso significa dizer que não houve uma amplitude significativa entre os padrões de atitudes céticas e confiantes, demonstrando sobretudo moderação na média dos entrevistados. Ou seja, céticos ou confiantes, os abstencionistas são, sobretudo, moderados em suas atitudes com relação à política, constituindo um indício provável, e verificado na maioria das entrevistas, de que a polarização política no Brasil pode estar na raiz do abstencionismo nas eleições presidenciais brasileiras.⁸

Como feito acima, apresentarei abaixo as atitudes céticas e confiantes entre os abstencionistas por gênero masculino e feminino, a fim de identificar correlações significativas.

Gráfico 4: Distribuição entre Confiança (Co.) e Ceticismo (Ce.) por Gênero

⁸ Juntamente com 3 mestrandas, que fizeram parte da minha equipe de pesquisa, escrevi um artigo (ainda não publicado) sobre o impacto da polarização, sobretudo afetiva, no comportamento abstencionista. Dias, Kuebler Silva, Germano e Rossi (2024).



Fonte: Elaboração própria a partir de entrevistas em profundidade conduzidas pela coordenadora do projeto.

A atitude confiante com relação ao sistema político prevaleceu, sobretudo, entre os homens (62,5%), assim como a atitude cética, de modo ainda mais significativo, prevaleceu entre as mulheres (75%). Sendo os homens 54% do grupo estudado, e 62,5% do grupo daqueles com atitudes predominantemente confiantes, é possível dizer que os homens apresentaram maior tolerância com a política. Mais significativo ainda foi o ceticismo das mulheres, que representaram 75% do grupo cético, enquanto representavam apenas 46% do grupo total.

A atitude confiante baixa (0,1 a 3,5) e a atitude cética baixa (-3,5 a -0,1) foram as mais expressivas dentro do grupo estudado, respectivamente 34,6% e 19,2% do total. Dentro de cada um desses subgrupos, destaca-se novamente a distribuição por gênero: no grupo de confiança baixa, 66,6% eram homens, enquanto no grupo de ceticismo baixo, 80% eram mulheres, reforçando a tendência de maior confiança entre homens e maior ceticismo entre mulheres. Cumpre ressaltar ainda que a atitude cética alta (-9 a -5,6) ocorreu apenas com mulheres, enquanto a atitude equilibrada ou indefinida (0) ocorreu apenas com homens, demonstrando uma intensidade ligeiramente mais expressiva nas atitudes das mulheres.

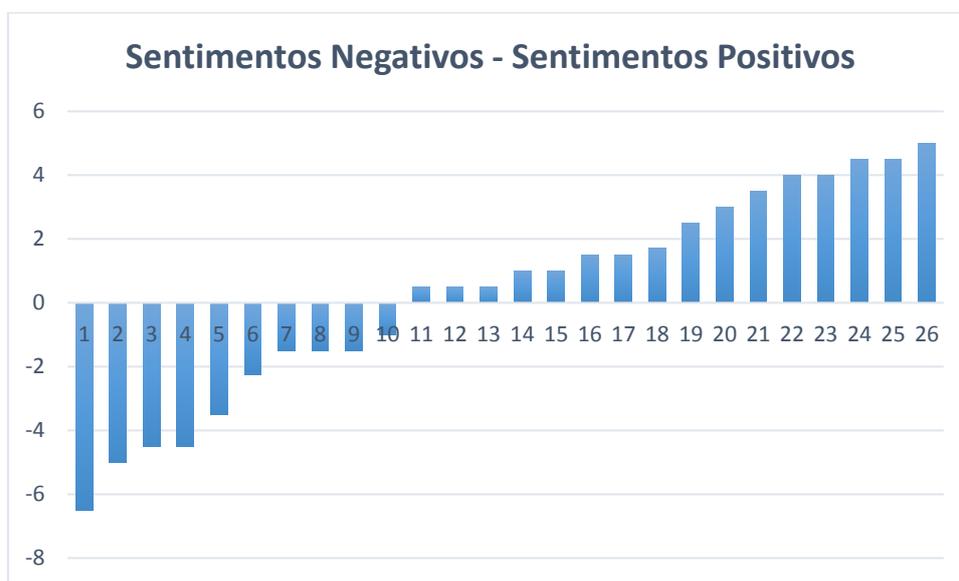
A conclusão que se verifica na relação entre gênero e atitudes políticas é a de que, entre os eleitores abstencionistas, um maior número de homens desenvolve atitudes confiantes com relação à esfera política, enquanto as mulheres tendem a um maior ceticismo. De qualquer forma, a intensidade dessas atitudes não é expressiva em nenhum desses grupos, reforçando o argumento da moderação acima mencionado. Ou

seja, o padrão de confiança encontrado é baixo e masculino, enquanto o padrão de ceticismo é baixo e feminino.

Sobre Sentimento Positivos e Negativos

O campo dos sentimentos na política é provavelmente o menos mapeado nos estudos sobre comportamento político. O uso extensivo de métodos quantitativos em detrimento da análise qualitativa limita a abordagem dos sentimentos políticos, comprometendo uma compreensão mais acurada do fenômeno da ascensão da extrema direita no mundo. Mesmo nesse artigo, os sentimentos foram quantificados através de medidas simplificadoras desse campo. Os sentimentos positivos e negativos com relação à política foram identificados nas respostas dos entrevistados que tratavam de suas lembranças associadas a alegrias e tristezas na experiência democrática, sobre a obrigatoriedade do voto, a responsabilidade eleitoral, a percepção do voto como voz e a confiança no resultado eleitoral. No gráfico 5, é possível verificar que os sentimentos positivos prevalecem sobre os negativos entre os abstencionistas entrevistados.

Gráfico 5: Distribuição entre Sentimentos Positivos e Negativos



Fonte: Elaboração própria a partir de entrevistas em profundidade conduzidas pela coordenadora do projeto.

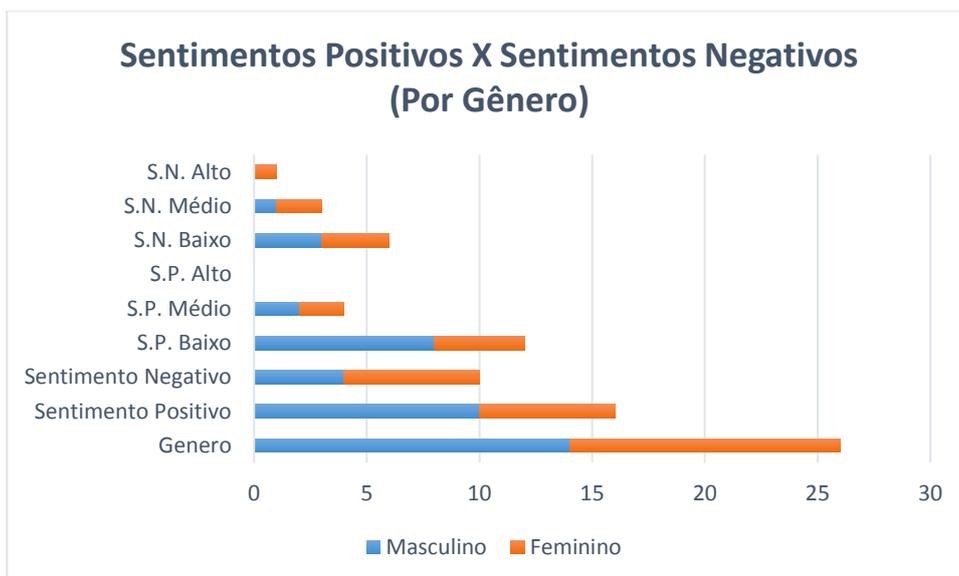
A média tanto de sentimentos positivos (2,45) quanto de sentimentos negativos (-3,2) situou-se no intervalo de intensidade baixa (+/- 3,5 a 0,1), ou seja, os sentimentos não se apresentaram muito intensos em nenhum dos pólos. Mesmo assim, foi possível perceber que a intensidade dos sentimentos negativos foi maior do que a dos positivos,

invertendo o padrão verificado entre as atitudes, onde o ceticismo foi menos intenso do que a confiança.

Observando no detalhe cada uma das 9 variáveis que compõem os índices de sentimentos, notou-se que o campo dos sentimentos políticos oferece maior complexidade e requer uma atenção mais detalhada.⁹ Primeiramente, dentre os sentimentos negativos apontados, a frustração foi o sentimento que apresentou maior hegemonia entre os entrevistados, apenas um deles não mencionou alguma frustração em sua história política, ressaltando mais sua indiferença do que sua satisfação. Em 3 variáveis, os entrevistados se dividiram simetricamente entre sentimentos negativos e positivos, mostrando uma clara divisão no grupo geral de abstencionistas: sobre o sentimento de responsabilidade eleitoral (metade se sente responsável, a outra metade não), sobre a percepção do voto como voz (metade acredita que o voto é sua voz, a outra metade não), e sobre a confiança no resultado eleitoral (metade confia que o resultado traduz a escolha do eleitorado, a outra metade não). A polarização de posturas nessas três variáveis é divergente do resultado geral que indica a prevalência de sentimentos positivos, assim como a hegemonia do sentimento de “frustração”.

A seguir, no gráfico 6, apresento os resultados da manifestação de sentimentos positivos e negativos filtrados por gênero dos abstencionistas entrevistados.

Gráfico 6: Distribuição entre Sentimentos Positivos (SP) e Negativos (SN) por Gênero



⁹ Conforme mencionado em nota anterior, outro artigo produzido a partir dessa pesquisa contempla uma análise detalhada dos sentimentos que atravessam os abstencionistas no cenário político eleitoral. Dias e ali (2024).

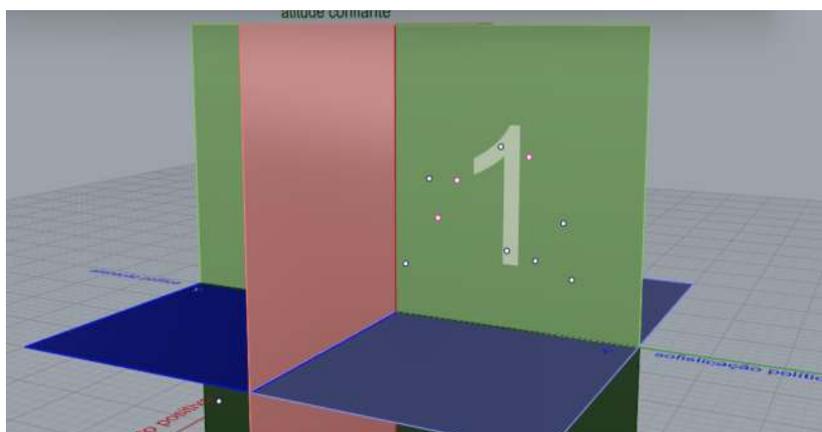
Assim como os homens se revelaram mais sofisticados e confiantes com relação à política, também são eles os que representam o maior grupo entre aqueles onde predominam os sentimentos positivos (62,5%). A situação se inverte quando o universo é o de sentimentos negativos; nele, as mulheres são a maioria (60%). Considerando a distribuição de gênero no grupo geral pesquisado, 54% de homens e 46% de mulheres, os números revelam um desgosto significativamente maior com a política entre as mulheres do que os homens.

Conforme discutido acima, a intensidade alta dos sentimentos (+/- 5,6 a 9) não foi significativa entre os entrevistados; apenas uma mulher apresentou índice alto de sentimentos negativos. O sentimento negativo médio (-3,6 a -5,5) foi dominado por mulheres (66,6%) e o sentimento positivo baixo (0,1 a 3,5) dominado por homens na mesma proporção (66,6%). Sentimento positivo médio e sentimento negativo baixo se dividiram igualmente entre homens e mulheres.

A conclusão a que se chega na relação entre gênero e sentimentos políticos em eleitores abstencionistas na eleição presidencial brasileira é a de que um maior número de homens relatou sentimentos positivos associados à política, enquanto as mulheres acumularam mais sentimentos negativos. Novamente, a intensidade desses sentimentos não foi expressiva em nenhum desses grupos, ou seja, o padrão de positividade encontrado nos sentimentos foi baixo e masculino, enquanto o padrão de negatividade nos sentimentos foi baixo e feminino.

Passamos, neste momento, à classificação dos abstencionistas entrevistados nos tipos definidos anteriormente, compostos pela correlação variável de sofisticação, atitudes e sentimentos.

Octante 1: o abstencionista casual



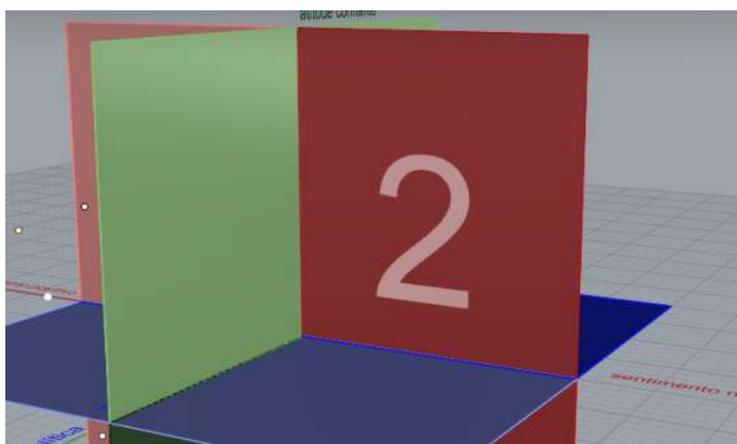
A maioria dos entrevistados foi classificada nesse tipo, o que significa dizer que sua decisão de se abster é provisória e pode ser revertida já na próxima eleição, a depender das circunstâncias. São eleitores que optaram por não comparecer, votar nulo

ou branco na eleição de 2018, 2022 ou em ambas. Alguns deles optaram por não votar nos dois turnos; outros, fizeram escolhas no primeiro turno que não evoluíram ao segundo turno. Alguns, embora reconhecessem uma das candidaturas como “menos pior”, optaram por não participar, provavelmente por não querer se responsabilizar pelo governo vindouro.

Em diferentes graus, todos apresentaram sofisticação (entre 2 e 8,5), atitudes confiantes (3 e 6,5) e sentimentos positivos (entre 0,5 e 5) de forma predominante. A amplitude dos graus de sofisticação foi a mais expressiva, seguida pela dos sentimentos positivos e finalmente pelas atitudes confiantes, o que implica em uma maior heterogeneidade na sofisticação dos membros do tipo 1 e uma maior homogeneidade em seu padrão de atitudes confiantes.

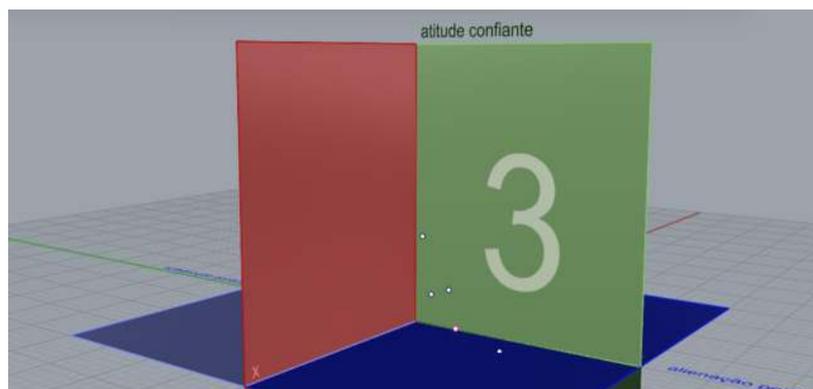
Quanto ao gênero, a maioria dos abstencionistas casuais era composta por homens (70%), confirmando a percepção de que as mulheres são mais propensas a alienar-se da política.

Octante 2: o idealista desencantado



Esse tipo não foi identificado entre os entrevistados; um espaço vazio a ser explicado. Dos 26 entrevistados, nenhum combinou sofisticação política, atitudes confiantes e sentimentos negativos. É provável que esse seja um tipo raro principalmente por associar sentimentos negativos a atitudes confiantes com relação à política, o que a princípio seria um padrão ilógico e pouco provável de ser encontrado entre eleitores com algum grau de sofisticação política. É lógico supor que sentimentos negativos estejam na base de atitudes céticas. Entre eleitores predominantemente alienados e, portanto, mais aleatórios em seus cálculos, a associação entre confiança política e sentimentos negativos é mais provável, como veremos no octante 3 a seguir.

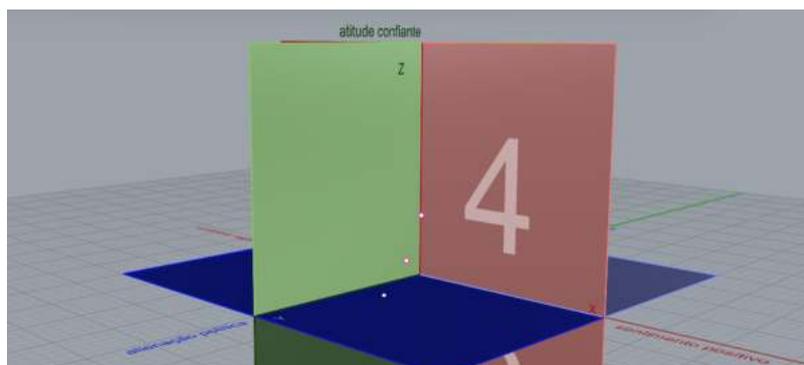
Octante 3: o apático



No octante 3 encontramos eleitores que se mantêm distantes da política eleitoral. Não se importam com a política e não se esforçam por buscar informações a respeito. São alienados, possuem sentimentos negativos de forma predominante, mas mantêm a confiança nas instituições da democracia. Pouco mais de 15% dos entrevistados foram classificados nessa categoria, tornando-a uma das mais importantes. Sua indiferença às informações políticas permite que se tornem vulneráveis às notícias negativas, visto que não possuem uma blindagem de conhecimentos que as interpretem. Sua confiança nas instituições democráticas está mais associada ao ambiente de estabilidade que produzem, estando sua desconfiança vinculada mais à classe política: as instituições são boas, as elites políticas auto interessadas e, normalmente, corruptas. Esses eleitores vão se abster sem um motivo mais consistente, na maioria das vezes por mero desinteresse.

O grau de alienação deste eleitor variou entre -1,5 e -4, seu índice de sentimentos negativos foi de -1 a -4,5, e de atitudes confiantes entre 0,5 e 4,5, registrando uma maior heterogeneidade no grau de confiança e maior homogeneidade no grau de alienação. As três variáveis, portanto, se mantiveram em índices moderados, variando de baixo a mediano. Três homens e uma mulher compuseram esse grupo de abstencionistas apáticos.

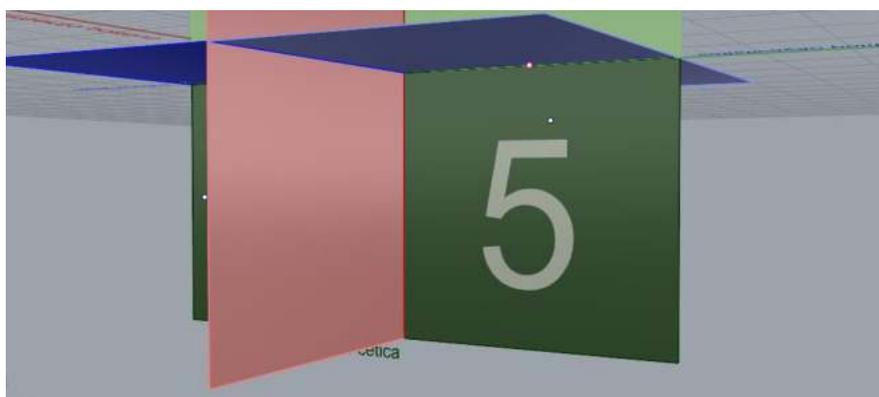
Octante 4: o otimista alienado



A quarta categoria de eleitores abstencionistas conjuga alienação, atitude confiante e sentimento positivo com relação à política. Na maior parte do tempo é indiferente à esfera política de decisões, não sofre nem se regozija dos acontecimentos políticos. Quando precisa tomar uma decisão, pede conselhos a quem julga informado nos assuntos políticos e reflete pouco sobre as orientações recebidas. Não se importa de trocar o ato de votar por qualquer outra programação mais atraente. É um tipo de cidadão que não abdica do sistema democrático, mas não acredita que sua participação seja essencial.

Entre os abstencionistas entrevistados, este octante produziu resultados bastante homogêneos em alienação (de 0,6 a 1,5) e sentimentos positivos (0,5), sendo composto exclusivamente por mulheres. Apenas nas atitudes confiantes verificou-se uma amplitude ligeiramente maior (de 1 a 3). O que mais chama a atenção é que tanto a alienação quanto os sentimentos positivos estiveram limítrofes à posição indefinida (0). A política não os afeta, na maior parte do tempo.

Octante 5: o crítico revolucionário



O quinto tipo inaugura o grupo de abstencionistas essenciais. Como já discutido em outros momentos deste artigo, os essenciais abdicam do seu status eleitoral de forma definitiva, ou assim acreditam ser. A característica principal dos essenciais é a crítica ao sistema democrático liberal, seja pelo ceticismo quanto a sua funcionalidade

e/ou a seus efeitos práticos, seja por seu sentimento pessimista quanto à natureza humana ou ao desânimo relacionado a sucessivas frustrações com a esfera política.

O crítico revolucionário é sofisticado, é estimulado pela política desde muito cedo na vida, se informa sobre os assuntos relacionados sempre de forma crítica. Ele é predominantemente cético com relação à democracia representativa e nutre sentimentos positivos com relação à possibilidade de uma saída pela política para os problemas da sociedade. Dois entrevistados foram classificados nesse octante, um homem e uma mulher, ambos altamente sofisticados (7), pouco céticos (0,6 e 2), com sentimentos positivos intermediários (3 e 4,5). O curioso nesse octante é que ambos os entrevistados se declararam anarquistas.

Octante 6: o pessimista revoltado



No sexto octante encontramos um tipo bastante peculiar que combina sofisticação, ceticismo e sentimentos negativos com relação à política. Seu interesse por política se assemelha a um tipo de curiosidade mórbida: descobrir a que ponto a política ainda poderá surpreendê-lo negativamente. Sua participação em debates sobre política na conversação pública é contaminada por uma visão pessimista das instituições políticas (clientelismo) e de seus agentes (corrupção). Esse talvez seja o tipo sofisticado mais vulnerável às campanhas antissistema que marcam a ascensão da extrema direita no mundo e pode vir a se tornar um de seus ideólogos.

Neste octante classificamos apenas uma entrevistada, com baixa sofisticação (1), alto ceticismo (6,4) e sentimentos negativos medianos (5).

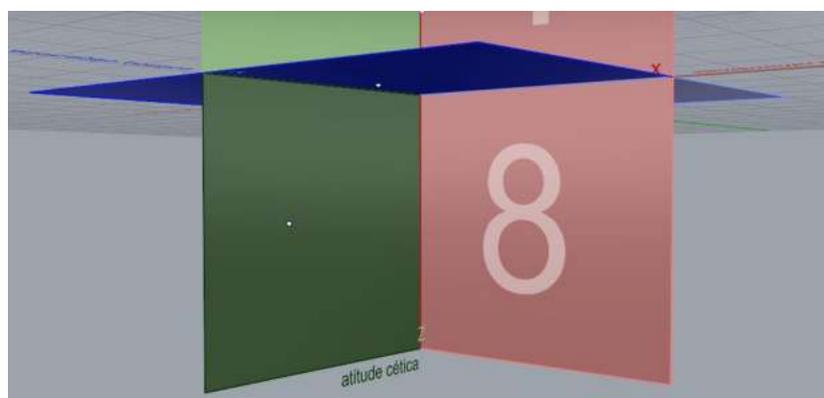
Octante 7: o alienado típico



No sétimo octante encontramos o maior agrupamento de abstencionistas essenciais (4 de 8, 50%), demonstrando a relevância dessa categoria. O alienado típico não se interessa, não se informa ou simplesmente não se importa com a política. Tem uma visão cética sobre o processo democrático e sentimentos de rejeição generalizados. Prefere se manter distante porque não há nada que o atraia à esfera política. A abstenção para ele é a regra; se votar, será em caráter excepcional e urgente, o fará com desgosto para logo poder retornar a sua condição original de abstencionista.

Nesse grupo, a amplitude da alienação variou de baixo a alto (-3 a -7,7), assim como da negatividade dos sentimentos (-1,5 a -6,5). Em termos de ceticismo, a amplitude da variação foi ainda maior (-1 a -7), demonstrando a heterogeneidade desse grupo. Entretanto, composto apenas por mulheres, em termos de distribuição por gênero, os alienados típicos se revelaram homogêneos, o que não surpreende, na medida em que já verificamos que as mulheres são a maioria dos alienados, céticos e portadores de sentimentos negativos com relação à política.

Octante 8: o desinteressado



O tipo 8, como o 2, contraria a lógica: como sentimentos positivos podem estar na base de atitudes céticas? Embora incomum, esse tipo pode ser mais frequente do que o tipo 2, na medida em que se mantém alienado com relação à política, deixando-se levar mais por imagens estereotipadas da política do que dedicando tempo a sua compreensão. O grau de alienação, portanto, pode intervir na probabilidade do tipo desiludido se desenvolver. Nesse caso, o entrevistado classificado nesse tipo revelou alta alienação (-8, o maior índice encontrado entre os entrevistados), ceticismo mediano (-4,5) e baixa positividade nos sentimentos (1,5).

3/7 e 4/8: os tipos em transição

No grupo de entrevistados foi possível identificar dois tipos híbridos, ou seja, transitando entre duas categorias. Isso aconteceu porque ambos apresentaram atitudes tão indefinidas que, ao final, resultaram em zero. Ambos eram homens, com grau mediano de alienação (-5 e -4) e intensidade baixa em seus sentimentos, negativos no primeiro caso (-1,5) e positivos no segundo caso (1,5), podem estar em transição entre as categorias circunstancial e essencial. Ambos relataram poucos votos efetivos ao longo de sua história eleitoral: o primeiro deles, entre as categorias 3 e 7, parecia realmente indiferente ao resultado da eleição presidencial de 2022, indicando um possível sentido apático – típico em sua transição; o segundo, entre as categorias 4 e 8, demonstrou satisfação com o resultado da eleição de 2022, apesar de não ter se mobilizado para votar, não é impossível que esteja em transição de desinteressado para otimista alienado.

Conclusão

Sobre a desilusão e a arte do silêncio. Assim se intitulava o projeto de pesquisa que originou esse artigo, porque supunha duas premissas intuitivas: (1) que o abstencionismo é uma escolha feita à luz de uma desilusão política e (2) que o ato abstencionista é equivalente a calar a própria voz política. Ambas as premissas se tornaram questionáveis durante o desenvolvimento da pesquisa.

Em primeiro lugar, a desilusão supõe a existência prévia de um ideal a ser atingido. A concepção de um ideal político demanda algum grau de sofisticação política, algum interesse, muita informação, alguma capacidade de organização dessas informações em prol da definição de determinadas práticas políticas que tornem real o

ideal. E isso não se confirmou de forma generalizada entre os abstencionistas entrevistados. Apenas metade deles se revelou politicamente sofisticada. Muitos deles não tiveram uma socialização que valorizasse a atividade política, pelo contrário, alguns deles cresceram em ambientes refratários à política ou ao menos indiferentes a ela. Muitos aprenderam a ver a prática eleitoral como uma obrigação desconfortável e sem sentido. Alguns, sim, criaram expectativas que se frustraram em evidências de vícios governamentais e parlamentares. Mas, essa nem sempre foi a motivação para o abstencionismo. Às vezes era apenas ter alguma coisa mais importante para fazer, o que não é difícil de encontrar quando se acredita que a eleição não é válida, pode ser manipulada, que o peso do voto individual é efêmero e que ninguém vai te escutar mesmo.

Em segundo lugar, a ideia de silenciamento da própria voz política através do abstencionismo não foi possível ser confirmada. Para silenciar a própria voz ao deixar de emitir um voto válido em uma das candidaturas disponíveis é preciso, primeiro, acreditar que o ato de votar projete a própria voz ou traduza a sua vontade. Novamente, metade dos entrevistados não concordou com a ideia do voto como sendo a voz do eleitor. Além disso, metade dos entrevistados desconfia do resultado das eleições no Brasil, seja pela suposta vulnerabilidade das urnas eletrônicas, seja por acreditar em teorias da conspiração que colocam o país sob o comando de um grupo de malfeitores, capaz de subverter qualquer tipo de voto (eletrônico ou físico) a seu favor. A deturpação do voto equivaleria a deturpação da própria voz, o que tornaria inútil manifestá-la. Finalmente, a maioria dos entrevistados mencionou acreditar que se abster seria equivalente a passar uma mensagem sobre sua insatisfação. Alguns imaginam que exista algum percentual de abstenção capaz de anular todo o resultado das eleições, e que seu voto nulo, branco ou seu não comparecimento contribuirá para a convocação de novas eleições com novos candidatos. Alguns acreditam que votar no segundo turno no número de um candidato que foi eliminado no primeiro turno, vai registrar de alguma forma sua insatisfação com as candidaturas majoritárias. Outros acreditam simplesmente que seu não voto é um voto de protesto contra o sistema. Poucos silenciam numa atitude de desistência.

Todo eleitor é um abstencionista em potencial. Mesmo alguém que viveu a vida inteira da política pode, em determinado momento, não votar, seja por razões de saúde, deslocamento do seu domicílio eleitoral, falta de um sentido de representação nas candidaturas disponíveis, perspectiva de derrota, desgosto, desistência. Daí a necessidade de se constituir uma tipologia do eleitor abstencionista, o propósito deste artigo.

Comecei discutindo brevemente alguns paradigmas essenciais da literatura acadêmica com relação à participação política, à decisão do voto, às razões da abstenção, às dimensões racional e emocional do voto, da importância contraintuitiva de se estudar a abstenção em um sistema de voto obrigatório, de como a sofisticação política, as atitudes e os sentimentos interferem na decisão de votar ou abster-se e de como abster-se. Não é uma decisão trivial não comparecer à sessão eleitoral, viajar para justificar a ausência, pagar a multa para não se sentir obrigado a fazer o que não quer, ir até o local de votação para votar em branco ou calcular uma estratégia para anular o próprio voto. Exige sempre algum grau de sofisticação política a decisão de não votar em um sistema político de voto obrigatório.

Em seguida, passei a elaborar a tipologia do eleitor abstencionista fundada em três conjuntos de variáveis ordinais: Alienação – Sofisticação Política; Atitudes Céticas – Atitudes Confiantes; Sentimentos Negativos – Sentimentos Positivos. Da convergência /divergência desses três conjuntos de variáveis formou-se um plano octante tridimensional, de onde emergiram 8 tipos, distribuídos em duas vertentes de eleitores abstencionistas: a circunstancial e a essencial. Entre os abstencionistas circunstanciais identifiquei 4 tipos: o casual, o idealista desencantado, o apático, e o otimista alienado. Na vertente de abstencionistas essenciais identifiquei outros 4 tipos: o crítico revolucionário, o pessimista revoltado, o alienado típico e o desinteressado.

Cada um desses 3 conjuntos de variáveis ordinais correspondeu a 9 questões do roteiro de entrevista semiestruturada, totalizando 27 questões respondidas por 26 entrevistados. Com isso, pude dispor os entrevistados entre os octantes definidos nos tipos acima. Em síntese, os resultados foram os seguintes.

Os abstencionistas circunstanciais são a maioria dos entrevistados. Dezesesseis dos vinte e seis entrevistados foram alocados nessa vertente (61,5%). Dos entrevistados classificados entre os circunstanciais, 62,5% são homens, 62,5% são de tipo 1 (casual), 25% no tipo 3 (apático), 12,5% do tipo 4 (otimista alienado) e nenhum entrevistado foi classificado no tipo 2. Do tipo “casual” (1), 70% são homens; do tipo “apático” (3), 75% são homens; do tipo “otimista alienado” (4), 100% são mulheres.

Os abstencionistas essenciais correspondem a 30,8%, menos de um terço dos entrevistados. Dos entrevistados classificados entre os essenciais, 75% são mulheres, 50% são do tipo 7 (alienado típico), 25% são do tipo 5 (crítico revolucionário), 12,5% do tipo 6 (pessimista revoltado), e 12,5% são do tipo 8 (desinteressado). Importa notar que só havia mulheres entre os “alienados típicos”.

Os tipos híbridos foram apenas dois: um deles em transição entre os tipos 3 e 7 e o outro em transição entre os tipos 8 e 4. O sentido da transição foi deduzido pelo

conteúdo das entrevistas de cada um, mas ainda requer uma revisão ou adição de novas questões em uma nova rodada de entrevistas a fim de confirmá-lo.

Do conjunto de dados e informações obtidos nas entrevistas em profundidade é possível afirmar que as mulheres são mais alienadas, céticas e negativas em seus sentimentos com relação à política, provavelmente em virtude da socialização em uma sociedade patriarcal, onde o envolvimento das mulheres com a política é desincentivado, relegando a elas o predomínio em assuntos domésticos ao passo que aos homens é atribuído o domínio no espaço público de decisões. Com isso, as mulheres desenvolvem mais facilmente a essencialidade do comportamento abstencionista.

Estudar o comportamento abstencionista tem sido uma viagem fantástica e que apenas começou. O material produzido pelas entrevistas em profundidade ainda fornece muitas possibilidades de análise em enquadramentos distintos. Tenho o intuito de seguir entrevistando essas mesmas pessoas nas próximas eleições presidenciais, a fim de criar um estudo de painel dinâmico. Pretendo também acrescentar paulatinamente novos entrevistados ao conjunto até aqui definido e abrir novas possibilidades de estudo do comportamento abstencionista.

Bibliografia

- ALMOND, G., VERBA, S. (1963). *The Civic Culture: Political Attitudes and Democracy in Five Nations*. Princeton: Princeton University Press.
- ALTMAN, D., PEREZ-LIÑAN, A. (2002). Assessing the Quality of Democracy: Freedom, Competitiveness and Participation in Eighteen Latin American Countries. *Democratization*, 9(2): 85-100.
- BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. (2015) *Feminismo e Política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- BLAIS, A. (2000) *To Vote or not to Vote? The merits and limits of rational choice theory*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press.
- BLAIS, A., GALAIS, C. (2016) Measuring the civic duty to vote: A proposal. *Electoral Studies*, vol. 41, p. 60-69.
- BLAIS, A.; DAOUST, J-F. (2020) *The Motivation to Vote: Explaining Electoral Participation*. Vancouver: University of British Columbia Press.
- BORBA, J. (2008). As bases sociais e atitudinais da alienação eleitoral no Brasil. *Revista Debates*, 134- 157.
- COLEMAN, S. (2013) *How Voters Feel*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CONVERSE, P. E. (1964) The Nature of Belief Systems in Mass Publics. *Critical Review* 18 (1-3): 1-74.
- INDRIDASON, I. H. (2008). Competition & turnout: The majority run-off as a natural experiment. *Electoral Studies*, 27(4), 699–710.

- DALTON, R. J. (2008). Citizen politics: Public opinion and political parties in advanced western democracies. Chatham: Chatham House Publishers, ed. 5.
- DIAS, M. R.; SILVA, M. K.; GERMANO, L. B.; Rossi, S. (2024). Polarização Afetiva e Polarização Ideológica: determinantes da participação política e da abstenção eleitoral. In: Anais do XII Congresso Latinoamericano de Ciencia Política.
- DOWNS, A. (1957) An Economic Theory of Democracy. HarperCollins Publishers, New York.
- FERWERDA, Jeremy (2014). Electoral consequences of declining participation: a natural experiment in Austria. *Electoral Studies*, vol.35, Set., pp.242-252.
- GALLINA, M. (2023) The Concept of Political Sophistication: labeling the unlabeled. *Political Studies Review*, 21(4), 836-846.
- HANNA, N. (2009). An Argument for Voting Abstention. *Public Affairs Quarterly*. Volume 23, Number 4.
- LACHAT, R. (2007) A Heterogeneous Electorate: Political sophistication, predisposition strength, and voting decision process. Baden-Baden: Nomos.
- LEFKOFRIDI, Z., GIGER, N. e GALLEGRO, A. (2014). Electoral Participation in Pursuit of Policy Representation: Ideological Congruence and Voter Turnout. *Journal of Elections, Public Opinion and Parties*, 24:3, 291-311.
- MCALLISTER, I. (1986) Compulsory Vote, Turnout and Party Advantage in Australia. *Politics*, vol. 21, pp 89-93.
- NORRIS, P. (Ed.) (1999). Critical citizens: Support for democratic government. New York: Oxford University Press.
- PRIOR, M. (2019). Hooked: How Politics Captures People's Interest. Cambridge: Cambridge University Press.
- SELB, P.; LACHAT, R. (2009) The More, The Better? Counterfactual Evidence on the Effect of Compulsory Voting on the Consistency of Party Choice. *European Journal of Political Research* 48(5): 573-597.
- SILVA, R. (2013). Alienação Eleitoral: um estudo comparado das bases sociais e atitudinais. *Revista Andina de Estudios Políticos*. v. 3, n. 1, p. 109-133.
- SILVA, R.; GIMENES, E. R.; BORBA, J.; RIBEIRO, E. A. (2014). Votos Brancos e nulos no Brasil: bases cognitivas e atitudinais. *Teoria e Pesquisa: Revista de Ciência Política*, vol. 23, p. 58-75.
- SINGH, S. P. (2021). Beyond Turnout: How Compulsory Voting Shapes Citizens and Political Parties. Oxford: Oxford University Press.
- STOCKEMER, D. (2014). When Do Close Elections Matter for Higher Turnout? Gauging the Interactive Impact Between the Electoral Competiveness and the District Magnitude, *Journal of Elections, Public Opinion and Parties*.
- _____. (2016) Electoral Participation: How to measure voter turnout, *Social Indicators Research*, Volume 133, Issue 3, 943-962.
- _____. (2017). What Affects Voter Turnout? A review article/Meta Analysis of Aggregate Research. *Government and Opposition* 52(4): 698-722.

ANEXO 1

Nota Metodológica

A fim de dirimir eventuais dúvidas que possam surgir da metodologia de coleta e análise de depoimentos dos entrevistados autodeclarados abstencionistas nas eleições presidenciais de 2018 e 2022 no Brasil, optei por redigir este pequeno documento que vai em anexo ao artigo.

O primeiro grupo de entrevistados foi recrutado a partir da aplicação da técnica de “bola de neve” em um exercício metodológico para estudantes voluntários da equipe de pesquisa, bolsistas de iniciação científica e monitores de disciplinas. Cada um recrutou um abstencionista (desconhecido) na eleição presidencial de 2018, seja através do não comparecimento ao local de votação ou da emissão de votos inválidos (brancos ou nulos), a partir da indicação de uma pessoa conhecida de cada membro da equipe. Era 2020, primeiro ano da pandemia da Covid 19, e estávamos em trabalho remoto, ainda sem saber quanto tempo levaria até que a normalidade das interações sociais se restabelecesse, ou se ela algum dia retornaria.

As entrevistas foram realizadas e gravadas por meio de aplicativos de conversas e reuniões online: Zoom, Google Meet e Skype. Originalmente, o grupo era formado por 4 mulheres e 3 homens. O roteiro de entrevista semiestruturado utilizado está no anexo 2 deste artigo. O material obtido demonstrou-se potencialmente enriquecedor para o conhecimento acerca do comportamento abstencionista e as categorias analíticas começaram a se desenhar com clareza: atitudes políticas, sentimentos e sofisticação política. Nas primeiras análises do material se evidenciou a existência de ao menos dois tipos de eleitores abstencionistas: os provisórios (circunstanciais) e os definitivos (essenciais). Algumas temáticas foram recorrências espontâneas no discurso dos entrevistados, sugerindo a inclusão de algumas novas perguntas no roteiro e uma demanda por um maior número de entrevistados.

Durante a campanha presidencial de 2022, o roteiro de perguntas já estava reformulado: o objetivo era recrutar novos entrevistados e aplicá-lo logo

após o primeiro turno das eleições. Com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ) foi mais fácil recrutar entrevistados de forma profissional para essa nova etapa. Dessa vez foram entrevistados 11 homens e 9 mulheres. Embora nesse ano já fosse possível a realização de encontros públicos, optamos por manter as entrevistas de forma remota a fim de reduzir os custos da produção do material. Somaram-se a essas entrevistas novas rodadas com os abstencionistas já entrevistados na eleição de 2018, a fim de corrigir as diferenças no roteiro de questões e de atualizar as escolhas eleitorais de cada um deles para a eleição de 2022. Apenas uma entrevistada não foi localizada para participar dessa nova rodada de entrevistas e seu material foi descartado do conjunto analisado, por isso, ao final, contamos com 26 depoimentos completos.

Todo o material audiovisual foi transcrito e analisado a partir de categorias previamente definidas nas dimensões atitudinal, emocional e ideológica. Pretendemos ainda classificar todo o material em uma plataforma de análise de dados qualitativos, que pretendemos que seja o NVivo, de modo a ampliar o escopo analítico e seu potencial interpretativo.

Para esse artigo especificamente, selecionei 27 questões como variáveis ordinais de três eixos analíticos: sofisticação – alienação; atitudes confiantes – atitudes céticas; sentimentos positivos -sentimentos negativos.¹⁰ Como as perguntas abertas permitem aos entrevistados discorrer livremente pelos temas propostos, nem sempre foi possível determinar um posicionamento claramente definido e recorri ao seguinte esquema de pontuação:

- 1) Para respostas às 9 questões que possibilitaram avaliar o interesse e conhecimento político dos entrevistados pontuamos da seguinte forma: -1 para alienação; -0,5 para alienação predominante; 0 para posição indefinida; +0,5 para sofisticação predominante; +1 para sofisticação.
- 2) Para respostas às 9 questões que possibilitaram avaliar as atitudes dos entrevistados pontuamos da seguinte forma: -1 para atitude cética;

¹⁰ O rol de questões que serviram para mapear os eixos analíticos desse artigo encontram-se no anexo 3 deste artigo.

-0,5 para atitude cética predominante; 0 para posição indefinida; +0,5 para atitude confiante predominante; +1 para atitude confiante.

- 3) Para respostas às 9 questões que possibilitaram avaliar os sentimentos dos entrevistados pontuamos da seguinte forma: -1 para sentimento negativo; -0,5 para sentimento negativo predominante; 0 para posição indefinida; +0,5 para sentimento positivo predominante; +1 para sentimento positivo.

Obs.: Quando não foi identificada uma resposta minimamente coerente para a pergunta formulada, ou quando algum problema tenha sido detectado na condução da entrevista, utilizou-se a sigla NA (não se aplica).

Todo o resultado encontrado foi colocado em uma planilha que está disponível no anexo 4 deste artigo.

ANEXO 2

Roteiro de Entrevistas

(Completo)

Identificação

- 1) Nome:
- 2) Sexo:
- 3) Idade:
- 4) Escolaridade:
- 5) Cidade/Bairro de Moradia:
- 6) Religião:
- 7) Tipo de Abstenção:
- 8) Se houve voto: em quem votou?
- 9) Como votou nas eleições de domingo (2022)?
- 10) Em caso de segundo turno, como você pretende votar?
- 11) Como votou nas eleições presidenciais de 2018?
- 12) Se as eleições presidenciais de 2018 fossem hoje, você votaria diferente?
- 13) Você acredita que a pandemia da Covid-19 influenciou sua decisão de voto em 2022? Por quê?

Memórias do Eleitor

- 1) Qual é sua primeira lembrança de eleição?
- 2) Quando começou a votar?
- 3) Qual foi a sensação de tornar-se eleitor?
- 4) Lembra a quem deu seu primeiro voto?
- 5) Seu local de votação mudou desde o primeiro voto? Quantas vezes?
- 6) Qual tem sido sua rotina em dias de votação?
- 7) Quando pensa nesses dias, a lembrança, ou sensação, é boa ou ruim?
- 8) Lembra de algum acontecimento eleitoral marcante ao longo de sua experiência como eleitor? Qual?
- 9) Lembra de alguma grande alegria?
- 10) Lembra de alguma grande frustração ou decepção?

Sentimentos do Eleitor

- 1) Segundo a Justiça Eleitoral, o voto é obrigatório no Brasil. Como você se sente com relação à obrigatoriedade do voto?
- 2) Quando você não vota, você se sente responsável pelo resultado da eleição?
- 3) Você renunciaria ao seu direito de voto?
- 4) E se o voto fosse proibido no Brasil? Como você se sentiria a respeito?
- 5) Você acredita que todo voto deve ter o mesmo peso, inclusive dos analfabetos?
- 6) Como você se sente quando pensa em si mesmo como eleitor?
- 7) Você considera o voto um dever cívico de todo cidadão?
- 8) Você acha que o seu voto conta numa eleição? Ele faz diferença?
- 9) Você vê alguma diferença entre os votos branco e nulo? Qual?
- 10) Você acha que o resultado das eleições é confiável?
- 11) Você acha que o voto é a voz do eleitor? E funciona? Você se sente ouvido?
- 12) Você tenta manifestar a sua opinião política de outra forma? Como?
- 13) Você se sente à vontade para falar sobre sua opção de voto (ou não-voto)?
- 14) Você costuma acompanhar a apuração de votos no dia da eleição?

Ideologias do Eleitor

Eixo econômico:

- 1.1) Você considera que os ricos deveriam pagar mais impostos para que o Estado possa oferecer serviços públicos e, assim, favorecer os mais pobres?
- 1.2) Você considera que é mais importante manter o orçamento do governo em ordem do que garantir condições de bem-estar para a população?

2) Eixo diplomático:

- 2.1) O que é preferível: manter relações pacíficas com os demais países ou aumentar o poderio das forças armadas?
- 2.2) Você considera que o apoio financeiro a países necessitados é uma questão humanitária ou um desperdício de dinheiro?

3) Eixo civil:

- 3.1) Você acredita que toda autoridade pode ser questionada ou por ser autoridade suas decisões devem ser aceitas sem discussão?
- 3.2) Você concorda que um Estado hierárquico é mais eficiente na manutenção da ordem?

4) Eixo social:

4.1) Você acha que todas as pessoas devem ter os mesmos direitos, independente de raça, cor, credo ou sexualidade?

4.2) Você considera que os valores da família tradicional são essenciais à vida em sociedade?

5) Eixo democrático:

5.1) Você considera a democracia uma forma de governo superior a todas as demais? Por quê?

5.2) Você acha que o governo deve seguir a opinião da maioria seja ela qual for?

5.3) Você considera que as instituições democráticas (Executivo, Legislativo, Judiciário) funcionam bem no Brasil? Por quê?

5.4) Você acha que os partidos políticos devem influenciar as decisões governamentais?

5.5) Você se considera de esquerda, centro ou direita? Se centro, seria mais voltado à esquerda ou à direita? Ou não se enquadra nesse eixo?

ANEXO 3

Variáveis Seleccionadas

Sofisticação Política

- 1) Escolaridade: -1 Sem escolaridade; -0,5 Ensino Fundamental; 0 Ensino Médio; +0,5 Ensino Superior Incompleto; +1 Ensino Superior
- 2) Você acredita que a pandemia da Covid-19 influenciou sua decisão de voto em 2022? Por quê?
- 3) Qual é sua primeira lembrança de eleição?
- 4) Qual foi a sensação de tornar-se eleitor?
- 5) Lembra a quem deu seu primeiro voto?
- 6) Lembra de algum acontecimento eleitoral marcante ao longo de sua experiência como eleitor? Qual?
- 7) Você vê alguma diferença entre os votos branco e nulo? Qual?
- 8) Você costuma acompanhar a apuração de votos no dia da eleição?
- 9) Você se considera de esquerda, centro ou direita? Se centro, seria mais voltado à esquerda ou à direita? Ou não se enquadra nesse eixo?

Atitudes Políticas

- 1) Você renunciaria ao seu direito de voto?
- 2) Você acredita que todo voto deve ter o mesmo peso, inclusive dos analfabetos?
- 3) Você considera o voto um dever cívico de todo cidadão?
- 4) Você acha que o seu voto conta numa eleição? Ele faz diferença?
- 5) Você tenta manifestar a sua opinião política de outra forma? Como?
- 6) Você considera a democracia uma forma de governo superior a todas as demais? Por quê?
- 7) Você acha que o governo deve seguir a opinião da maioria seja ela qual for?
- 8) Você considera que as instituições democráticas (Executivo, Legislativo, Judiciário) funcionam bem no Brasil? Por quê?
- 9) Você acha que os partidos políticos devem influenciar as decisões governamentais?

Sentimentos Políticos

- 1) Lembra de alguma grande alegria?
- 2) Lembra de alguma grande frustração ou decepção?
- 3) Segundo a Justiça Eleitoral, o voto é obrigatório no Brasil. Como você se sente com relação à obrigatoriedade do voto?
- 4) Quando você não vota, você se sente responsável pelo resultado da eleição?
- 5) E se o voto fosse proibido no Brasil? Como você se sentiria a respeito?
- 6) Como você se sente quando pensa em si mesmo como eleitor?
- 7) Você acha que o resultado das eleições é confiável?
- 8) Você acha que o voto é a voz do eleitor? E funciona? Você se sente ouvido?
- 9) Você se sente à vontade para falar sobre sua opção de voto (ou não-voto)?

ANEXO 4

Planilha de Resultados

	A	AL	AC	A2	C1	C2	C3	D	E	F	G1	G2	I	L1	L2	L3	M	R1	R2	R3	R4	R5	S	T	W1	W2
Sofisticação Política	-7,7	-4	7	-5	-1,5	4,5	-3	-3,5	-0,6	-1,5	-3,5	-3,5	4,5	8	-8	6	2,5	2	-4	-4,5	1	5,5	7	6,5	5	8,5
Escolaridade	0	1	1	1	1	1	1	1	0	0,5	1	0,5	1	1	0	0,5	0,5	0,5	-1	NA	1	0,5	1	1	1	1
Covid	-1	-1	-1	-1	1	1	1	1	0,5	1	1	1	-1	1	-1	0,5	1	1	0	-1	-1	1	1	1	1	1
Primeira lembrança	-1	-1	1	-1	1	1	1	-1	0,5	1	-1	-1	1	1	-1	1	1	0,5	-1	-1	1	1	1	1	1	1
Tornar-se eleitor	-1	-1	1	-1	-1	0,5	-1	-1	NA	-1	0,5	1	1	1	-1	1	1	1	-1	-1	1	1	1	1	1	1
Primeiro voto	-1	-1	1	-1	-1	-1	-1	-1	0,5	-1	-1	-1	-1	1	-1	-1	-0,5	1	-1	-1	-1	-1	1	0,5	-1	1
Episódio marcante	-1	-1	1	-1	-1	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	1	1	-1	1	1	1	1	1	1	1	1	0,5	1	1
Branco X Nulo		0,5	1	-1	0,5	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	0,5	0	-1	1	-1	-1	-1	-1	-1	1	1	1	-1	0,5
Apuração	NA	-1	1	-1	-1	1	-1	0,5	1	-1	-1	-1	1	1	-1	1	0,5	-1	1	1	-1	0	-1	-0,5	1	1
Direita X Esquerda	-1	0,5	1	1	-1	-1	-1	-1	-1	1	-1	-1	1	1	-1	1	-1	-1	-1	-1	1	1	1	1	1	1
Atitudes	-3	2	-0,6	0	1	5	-7	4,5	3	1,5	-1	0,5	6	5	-4,5	6,5	3	5,5	0	-2	-6,4	6,5	-2	3	3	3
Deixar de votar	-1	1	1	0	1	1	-1	1	1	-0,5	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1
Voto igual	1	NA	1	-1	1	1	1	1	1	1	1	1	0,5	1	-0,5	1	1	1	-1	-0,5	NA	1	1	1	1	1
Dever cívico	-1	1	0,5	-1	1	1	-1	1	1	1	-1	-1	0,5	1	1	1	1	0,5	NA	-1	NA	1	-1	-1	-1	1
Voto conta	-1	1	-1	1	1	1	-1	1	1	1	1	0,5	0,5	1	-1	1	1	1	NA	1	-1	1	-1	1	1	1
Manifestar opinião	-1	-1	-1	0,5	-1	1	-1	-1	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	1	-1	1	1	-1	-1	1	1	-1	1	-1
Democracia superior	1	1	1	0	1	1	-1	1	1	1	-0,5	1	1	1	-1	1	1	0,5	1	1	-1	-1	-1	1	0,5	1
Opinião maioria	1	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	1	-0,5	1	0	-1	-1	0,5	0,5	1	-1	-1	-1	-1	1	-1	1	0
Funcionamento Instituições	-1	-1	-1	0,5	-1	-1	-1	0,5	-1	-1	-1	-1	0,5	1	-1	0,5	-0,5	-1	-1	-1	-1	0	-1	-1	-1	-1
Partidos	-1	-1	NA	1	-1	1	-1	1	-1	0	-1	-1	1	1	-1	-0,5	-1	0,5	1	-0,5	-1	-0,5	0	1	0,5	-1
Sentimentos	-2,25	-3,5	4,5	-1,5	0,5	5	-6,5	-4,5	0,5	-1	-4,5	-1,5	4	4,5	1,5	1	4	1	1,5	-1,5	-5	2,5	3	1,7	0,5	3,5
Alegria	1	0,5	1	-1	-1	1	-1	0,5	1	1	-1	-1	1	0,5	-1	1	1	1	1	-1	0,5	-0,5	1	1	1	1
Frustração	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
Voto Obrigatório	-1	-1	1	-1	-1	-1	-1	-0,5	-1	-1	-1	0	0,5	1	1	-1	1	-1	-1	-1	1	1	-1	-1	-1	1
Responsabilidade eleitoral	NA	-1	1	1	-1	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	1	1	1	-1	0,5	1	1	0,5	-1	NA	1	1	1	-1
Voto proibido	-1	1	1	1	1	1	-1	0,5	NA	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	-1	1	1	0	-0,5	1
Avaliação Eleitor	-1	-1	1	-1	1	1	-0,5	-1	1	1	1	1	0,5	1	-0,5	1	1	-0,5	-0,5	1	-1	0,5	1	-0,5	1	-0,5
Resultado confiável	-1	-1	0,5	1	0,5	1	-1	-0,5	-0,5	-1	NA	-1	1	1	-1	1	-1	-1	1	-1	-1	1	1	1	0,5	1
Voto como voz	1	-1	1	-0,5	1	1	-1	-0,5	1	-0,5	-1	-0,5	-1	0	1	-1	1	0,5	-1	-1	-0,5	1	-1	1	0,5	1
Declaração de voto	1	1	-1	0	1	1	1	-1	1	0,5	-1	-1	1	0	1	1	0,5	1	1	1	-1	-0,5	1	NA	-1	1
Tipo	7	3	5	3 e 7	4	1	7	3	4	3	7	3	1	1	8	1	1	1	1	4 e 8	7	6	1	5	1	1